

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Raíssa Artero Pansieri

IMIGRAÇÕES ANTAGÔNICAS

Fotorreportagem sobre os imigrantes japoneses e haitianos na capital paulista

BAURU - SP

2019

RAÍSSA ARTERO PANSIERI

IMIGRAÇÕES ANTAGÔNICAS

Fotorreportagem sobre os imigrantes japoneses e haitianos na capital paulista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:

Prof. Assoc. Denis Porto Renó

Bauru-SP

2019

RAÍSSA ARTERO PANSIERI

IMIGRAÇÕES ANTAGÔNICAS

Fotorreportagem sobre os imigrantes japoneses e haitianos na capital paulista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:

Prof. Assoc. Denis Porto Renó

Bauru, 21 de novembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Assoc. Denis Porto Renó (orientador)

Prof^ª. Assoc. Maria Cristina Gobbi

Prof^ª. Julia Dantas de Oliveira Penteadó

“O fotógrafo tem a mesma função do poeta: eternizar o momento que passa”

Mario Quintana

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pela força dada a minha avó, que permitiu com que minha mãe e tia fossem mulheres tão fortes, transmitindo a nós, as mulheres que as sucederam, a mesma força e fé, que nos permitem alçar voos tão altos. Agradeço, também, à minha pequena Marina e ao meu amor Ivan, que com suas graças e doçuras inesgotáveis me acompanharam em praticamente todas as coberturas fotográficas. Além disso, agradeço a minha amiga Camila Gabrielle por me apoiar a desenvolver esse projeto quando ele ainda era apenas uma ideia. Por fim, sou grata aos meus mestres, em especial, ao meu orientador Denis Renó e a minha banca Cristina Gobbi e Julia Dantas por aceitarem fazer parte dessa história. Muito obrigada!

“Você não fotografa com sua máquina, você fotografa com toda a sua cultura.”

Sebastião Salgado

RESUMO

O presente projeto, desenvolvido como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, sob a orientação do professor associado Denis Porto Renó, se propõe a registrar o dia a dia dos imigrantes japoneses e haitianos que vivem e trabalham nos bairros paulistanos Liberdade e Brás. O formato escolhido para dar visibilidade ao tema e, conseqüentemente, registrar historicamente a situação socioeconômica de ambos os grupos étnicos foi a fotografia, sob o gênero fotojornalismo, subgênero fotorreportagem e com a veiculação em uma plataforma online.

A fotorreportagem em questão visa, ainda, evidenciar a relação particular de cada colônia com o território em que está inserida, bem como promover a natural comparação por parte do leitor sobre ambas as realidades. Para isso, o presente projeto dialoga com teóricos do fotojornalismo, como Jorge Pedro Souza, e fotojornalistas renomados, como Sebastião Salgado, a fim de respaldar o processo criativo por trás do produto final.

Palavras-chaves: Jornalismo Social; Mobgrafia; Imigrantes; Japoneses; Haitianos

A fotorreportagem *Imigrações Antagônicas* produzida como Trabalho de Conclusão de Curso pode ser acessada no seguinte link:
[https://readymag.com/u3639948287/imigra
coesantagonicas/](https://readymag.com/u3639948287/imigracoesantagonicas/)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Justificativa do Tema | 11 |
| 1.2 Objetivos | 12 |
| 1.2.1 Objetivo Geral | 12 |
| 1.2.2 Objetivo Específico | 12 |
| 1.3 Estrutura do Relatório | 12 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 13 |
| 2.1 Fotorreportagem | 13 |
| 2.2 São Paulo | 16 |
| 2.3 Japoneses no bairro Liberdade | 17 |
| 2.4 Haitianos no bairro Brás | 19 |
| 2.5 Técnicas Jornalísticas Empregadas | 21 |
| 3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO | 23 |
| 3.1 Atividades Desenvolvidas | 23 |
| 3.1.1 Concepção e delimitação da fotorreportagem | 23 |
| 3.1.2 Fazer fotográfico | 24 |
| 3.2 Cronograma de execução..... | 25 |
| 3.2.1 Divisão mensal das tarefas | 25 |
| 3.2.2 Dias exclusivos para a produção fotográfica | 26 |
| 3.3 Técnicas Utilizadas | 26 |
| 3.3.1 Imagem | 26 |
| 3.3.2 Edição | 27 |
| 3.3.3 Website | 27 |
| 3.4 Descrição do Produto Final | 28 |
| 4 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO | 28 |
| 4.1 Público-alvo | 28 |
| 4.2 Custos da produção..... | 29 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |
| 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 31 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1. Divisão mensal das tarefas | 25 |
| Tabela 2. Dias exclusivos para a produção fotográfica | 26 |

1 INTRODUÇÃO

Ásia. Em 2019 é celebrado os 111º aniversário da imigração japonesa no Brasil, cujo marco é definido como a chegada do navio Kasato Maru em Santos, em junho de 1908. A vinda dos imigrantes orientais para o território brasileiro atendeu aos interesses dos dois países: o Brasil precisava de mão de obra para trabalhar nas lavouras de café, e o Japão necessitava diminuir seu alto índice demográfico, que já causava uma tensão social no país. Com garantia de emprego, chegar na capital paulista, embora diante das inúmeras diferenças culturais, não representava uma situação desfavorável. Em menos de dez anos do início das imigrações, a quantidade de trabalhadores japoneses no Estado de São Paulo já excedia dez mil pessoas. Às vésperas da comemoração do 110º aniversário da imigração nipônica no Brasil, em 2017, devido ao status do bairro Liberdade ser o de maior reduto da colônia nipônica fora do Japão, a estação Liberdade, pertencente à linha azul do metrô de São Paulo, passou a chamar-se Japão-Liberdade. O reconhecimento público sobre a importância da colônia japonesa para a constituição do bairro não foi um ato isolado mas, sim, uma consequência da aceitação e da consolidação da cultura nikkei¹ no nosso país.

América Central. Em janeiro de 2010 um terremoto de magnitude 7.0 na escala Richter atingiu o Haiti, sobretudo a capital, Porto Príncipe. O país, considerado o mais pobre economicamente da América, de acordo com o seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), viveu uma tragédia que deixou mais de 200 mil mortos, 250 mil feridos e desabrigou outros 1,5 milhão de habitantes. Diante dessa catástrofe, a imigração para o Brasil -e para outros países da América Latina- foi a solução encontrada por inúmeros haitianos que deixaram seu país natal em busca de melhores condições de vida. A colônia, quando chega à capital paulista, é facilmente identificada pela cor da pele, que tem fortes ligações com as origens africanas e, também, pelas diferenças linguísticas existentes entre os paulistanos e eles, que mesclam o crioulo e o português. Por essa facilidade em serem identificados como estrangeiros, os não nativos são alvos de olhares e comentários xenofóbicos ou racistas que, embora corriqueiros, constituem crimes. O imigrante haitiano chega com um visto humanitário, porém, sem moradia ou emprego definidos. Assim, para garantir o próprio sustento e para enviar recursos para a família que não pôde vir, explora o comércio informal

¹ Nikkei: termo utilizado para fazer referência aos descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, ou japoneses que vivem regularmente no exterior.

de alimentos, bebidas, brinquedos, calçados, vestimentas e outros objetos, principalmente na região central da capital paulista, em particular no bairro Brás. Apesar dessa situação de vulnerabilidade social, por serem imigrantes, pobres e negros, os sonhos de muitos haitianos não foi prejudicado e, em 2014, esse mesmo povo começou a liderar um novo fluxo migratório. Dessa vez, num processo de reunificação familiar. Segundo dados de 2015 revelados pela Polícia Federal, cerca de 72 mil deles entraram no território brasileiro. Desde então, a existência e a resistência nas ruas segue mostrando que os haitianos vieram para ficar.

A fotorreportagem *Imigrações Antagônicas*, composta por ambos os imigrantes, mostra por meio de fotos sensíveis, em grande plano, e por fotos ambientais, mais amplas, a realidade vivida pelas personagens, registrando as suas situações históricas e socioeconômicas. Por conseguinte, o mesmo projeto instiga o leitor a questionar o próprio senso comum, bem como suas relações de amizade ou hostilidade oferecidas ao outro, ao diferente, ao estrangeiro.

1.1 Justificativa do tema

A fotorreportagem *Imigrações Antagônicas* tem como principal ideia representar visualmente o dia a dia dos imigrantes japoneses que moram ou trabalham no bairro Liberdade, bem como os imigrantes haitianos que trabalham no bairro Brás. Além de registrar estética e historicamente a rotina desses imigrantes na capital paulista, as fotografias pretendem mostrar detalhes que fazem com que cada grupo étnico seja diferente do outro. Além disso, os registros demonstram como é a relação particular de cada grupo de imigrantes com os bairros em que passam a maior parte dos seus dias, evidenciando se a relação com o território é exclusivamente de trabalho ou se há a fixação de moradia no local, bem como o aproveitamento de seus espaços de lazer - fatos que refletem em uma efetiva sensação de pertencimento.

Concedendo visibilidade às personagens inseridas nos bairros Liberdade e Brás, tenho como ideal retratar, com sensibilidade e respeito, a realidade vivida por elas que ora se demonstra valorizada, ora se apresenta hostil.

Para isso, fez-se necessária a minha imersão em ambos os contextos, primeiramente, como observadora atenta de cada gesto, comportamento e modo de ser e, em seguida, como fotógrafa-mediadora entre as lentes da câmera do celular e os imigrantes mais desconfiados sobre o teor do projeto. Portanto, dada a vastidão de detalhes e a riqueza histórico-cultural proporcionada por tais registros, é minha missão, como aluna de uma Universidade Pública, divulgar tema tão relevante como esse.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Instigar o olhar do leitor de forma a fazê-lo refletir sobre o dia a dia dos imigrantes japoneses e haitianos na capital paulista, salientando as particularidades que diferem cada grupo étnico, bem como as suas relações com os bairros ocupados.

1.2.2 Objetivos específicos

- Aprimorar técnicas de captura e tratamento de imagens.
- Contribuir com o registro histórico e socioeconômico da situação imigratória paulistana no século XXI.
- Questionar a não-aceitação da vinda do imigrante haitiano para o Brasil.
- Refletir sobre os processos que fizeram os imigrantes japoneses serem acolhidos no Brasil.

1.3 Estrutura do relatório

O relatório é composto por seis capítulos. No primeiro deles, o projeto jornalístico desenvolvido como trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, é apresentado com as devidas justificações sobre a sua escolha, bem como os objetivos gerais e específicos almejados.

No segundo capítulo, por meio da fundamentação teórica, é explicada a escolha do gênero e formato do produto em questão. Em seguida, são esclarecidas, também, as preferências pela cidade e pelos bairros em que o projeto foi concebido, assim como a

definição de suas personagens. Para concluir o segundo capítulo, são destacadas as técnicas jornalísticas empregadas em todas as etapas da produção da fotorreportagem.

O terceiro capítulo é reservado para destrinchar a metodologia de execução do produto, com abordagem sobre as atividades desenvolvidas, o cronograma de produção e as técnicas empregadas durante o enquadramento e o tratamento das fotografias. Por fim, ainda há uma breve descrição do produto final obtido.

O quarto capítulo versa sobre as pretensões do projeto, sua delimitação de público-alvo e seus custos de produção. O encerramento do relatório se dá nos capítulos seguintes, destinados às considerações finais e à bibliografia utilizada para embasamento teórico a respeito do tema pesquisado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Fotorreportagem

Durante a graduação, diversos fotógrafos e fotojornalistas me impactaram com seus projetos fotográficos ou fotos solas e, conseqüentemente, me inspiraram e influenciaram na decisão de documentar fotograficamente a realidade histórica e socioeconômica dos imigrantes japoneses e haitianos que moram em São Paulo.

Assim, a união da fotografia, como formato, e do fotojornalismo, como gênero, deu origem à fotorreportagem *Imigrações Antagônicas*. Acredito que essa forma de retratar o outro congela uma cena natural com a qual é possível impactar o leitor à primeira vista, bem como transportá-lo para uma realidade a qual ele não tem acesso, sob um ponto de vista original.

A fotografia surgiu na primeira metade do século XIX e, ao longo dos anos, seu uso tornou-se mais corriqueiro, principalmente com o advento dos *smartphones* e da fotografia digital. O fazer fotográfico, na era da fotografia na palma da mão, tornou-se menos custoso financeiramente aos fotojornalistas, pois eliminou a obrigatoriedade da compra ou locação de equipamentos de alto custo para a produção de um conteúdo de qualidade. No entanto, essa mesma facilidade trouxe algumas desvantagens como a produção massiva de conteúdo. Assim, o período de gestação da fotorreportagem me desafiou a sair do modo automático e

ter uma consciência ainda maior de que o pensar fotográfico deve unir-se ao fazer fotográfico. De modo que a simples produção quantitativa de imagens fotográficas não se tornasse um fenômeno sem objetivos e definições. Desta forma, a união do pensar com o fazer fotográfico foi o equilíbrio necessário para a constituição de cenas que fossem relevantes e pudessem provocar diversos sentimentos no leitor, da admiração e compaixão à crítica social.

A fotorreportagem *Imigrações Antagônicas* possui 132 imagens captadas com um aparelho *smartphone*, que foram divulgadas por meio do website <https://readymag.com/u3639948287/imigracoesantagonicas/>. A técnica de utilizar profissionalmente o próprio celular como ferramenta de trabalho está sendo chamada pelos fotógrafos de “mobile photography”, ou “mobgrafia”, em português. A alternativa às câmeras profissionais DSLR possibilita ao fotógrafo maior mobilidade e discrição sem, no entanto, perder em qualidade, a depender da qualidade proporcionada pelo celular utilizado. Atualmente, a exploração da mobgrafia é possível graças à tecnologia presente em grande parte dos *smartphones*, que eliminou a baixa resolução, precariedade do zoom, bem como a dificuldade em se obter um foco eficaz, além de outras limitações à qualidade da fotografia. A imagem captada com o *mobile* ainda permite uma confluência mais rápida com o mundo digital que, atualmente, é a plataforma mais dinâmica e contemporânea de atuação dos jornalistas.

A convergência tecnológica digital também provocou fortes impactos nas estruturas que envolvem a área da Comunicação Social. Ela pavimentou tecnologicamente a convergência de mídias, abrindo campo para o arquivamento, o compartilhamento e a distribuição de ativos digitais utilizados no relacionamento humano, por intermédio das máquinas computacionais e das redes telemáticas². (LIMA JUNIOR, 2009, p.97)

Ao retratar a situação dos imigrantes japoneses e dos haitianos, nos bairros Liberdade e Brás, respectivamente, a fotografia assume um caráter social, como documento histórico sobre uma determinada realidade socioeconômica.

Em um equilíbrio entre estética e ideologia, é possível a união, conforme Munari (1997, p.68), entre suporte e informação; e a importância da linguagem fotográfica vem à tona, enquanto elo de tais polaridades. Resumidamente, segundo Souza (2002, p.7), podemos

² Telemática: *s.f.* ciência que trata da transmissão, a longa distância, de informação computadorizada.

considerar fotografias jornalísticas como sendo aquelas que possuem ‘valor jornalístico’³ e que são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado. Assim, percebemos como o fotojornalismo é dinâmico e complexo de ser delimitado mas, sobretudo, é um gênero múltiplo que tanto fala por si só, ao transmitir a mensagem por meio de imagens repletas de significados, como possui valor complementar, ao ser utilizado de acordo com uma demanda ilustrativa em segundo plano diante do fato jornalístico.

De uma forma ampla, o fotodocumentarismo pode reduzir-se ao fotojornalismo, uma vez que ambas as atividades usam, frequentemente, o mesmo suporte de difusão (a imprensa) e têm a mesma intenção básica (documentar a realidade, informar, usando fotografias). (SOUZA, 2002, p.8)

A exploração das imagens, por meio da fotografia, pretende aproximar o espectador das personagens, que são o motivo da produção desse conteúdo. Ao promover esse contato mais próximo, busca-se modificar os olhares de repulsa e preconceito que, não raras vezes, são empregados sobre o imigrante e seu descendente. Para contar a história em imagens, do modo mais fidedigno possível ao cotidiano representado, os ângulos utilizados na captação das cenas foram múltiplos, explorando perspectivas repletas de movimento em conjunto com a captura de momentos de pausa em meio à correria diária das personagens retratadas. A fim de evitar a produção de fotografias dirigidas ou posadas, bem como a estranheza por estarem sendo observados, foram realizados diversos diálogos com os imigrantes logo após a captura das cenas que, inclusive, foram vetadas ou aprovadas verbalmente pelas próprias personagens.

Por fim, a intenção da fotorreportagem em questão é registrar por meio de imagens o cotidiano tanto das personagens que passaram por um recente fluxo migratório, bem como daquelas que já se solidificaram na capital paulista há décadas, instigando o leitor à natural comparação entre os dois grupos étnicos representados.

³ É difícil expressar o que é possuir “valor jornalístico”, até porque cada órgão de comunicação social é um caso, pois possui critérios específicos de valorização da informação. Em termos comuns, pode-se, contudo, considerar que tem “valor jornalístico” o que tem valor como notícia, ou seja, o que tem “valor-notícia” à luz dos critérios de avaliação empregues consciente ou não conscientemente pelos jornalistas. (SOUZA, 2002, p.7)

2.2 São Paulo

São Paulo, a capital do estado homônimo, foi o cenário escolhido para que eu registrasse a fotorreportagem sobre os imigrantes japoneses e haitianos. A terra da garoa, também conhecida por ser o centro financeiro do país, é uma cidade a cada dia mais marcada pelos múltiplos traços culturais. De origem indígena, colonizada por portugueses, cultivada por escravos de diferentes origens africanas e trabalhada por italianos, espanhóis, japoneses e tantas outras nacionalidades euro-asiáticas que povoaram o país desde o início do século XX. Próspera pelo suor de tantos, tornou-se referência de sucesso financeiro para outros muitos, que decidiram tentar a sorte grande ao migrar de uma América para a outra. Bolivianos, colombianos, paraguaios, peruanos, venezuelanos e haitianos. De meio século para cá, os nossos vizinhos tornaram-se ainda mais próximos. Nada mais justo que transpor essa miscigenação cultural tão característica das travessas e esquinas paulistanas para uma plataforma online por meio da captura fotodocumental.

Território plural e paisagem diversa, espaço marcado pela presença das “idades da história”, encontramos em suas ruas, bairros, edifícios e em seus habitantes uma cidade em constante movimento. Produzida por ondas migratórias que se somam e se adensam em camadas heterogêneas, São Paulo é o produto de deslocamentos humanos que fazem com que ela esteja em contínua transformação. (PAIVA, 2014, p.71)

Sendo assim, além de delimitar a cidade em que o fotorreportagem seria elaborada, foi necessário o conhecimento mais amplo sobre os bairros paulistanos para uma posterior delimitação dos imigrantes que seriam as personagens do projeto em questão. Atuando como fotodocumentarista, aprofundi os meus estudos sobre os locais e o tema abordado, bem como me preparei minimamente para os cenários que enfrentaria e para a abordagem que faria diante de cada situação que surgisse ao longo do projeto fotográfico. Segundo Souza (2002, p.8): “Fazer fotojornalismo ou fazer fotodocumentarismo é, no essencial, sinônimo de contar uma história em imagens, que exige sempre algum estudo da situação e dos sujeitos nela intervenientes, por mais superficial que esse estudo seja.”

2.3 Japoneses no bairro Liberdade

Para a fotorreportagem *Imigrações Antagônicas*, a escolha do bairro Liberdade como pano de fundo para representar a presença dos japoneses na capital paulista ocorreu de maneira intencional, por conta do bairro ser reconhecido publicamente como reduto da maior colônia nipônica fora do Japão. Quem desembarca na estação Japão-Liberdade, pertencente à linha azul do metrô de São Paulo, é fígado, a princípio, pelo olfato, que é alvo dos mais variados aromas que emanam da culinária típica oriental. Na Feirinha da Liberdade, o que era antecipado pelo olfato se confirma visualmente por meio das dezenas de tendas destinadas à venda de *temaki*, *yakissoba*, doce de feijão, pastel, *gyosa*, entre outros quitutes preparados por imigrantes japoneses ou seus descendentes. Além da deliciosa culinária, nas ruas do bairro há uma intensa divulgação do artesanato nipônico por meio da venda de souvenirs que prometem trazer prosperidade, sorte, amor e bonança para a vida de quem os adquire ou de quem com os souvenirs é presenteado.

O marco inicial da imigração japonesa para o território brasileiro é definido com a chegada do navio *Kasato Maru* em Santos, em 18 de junho de 1908. A embarcação trouxe os primeiros 781 imigrantes vinculados ao acordo imigratório entre Brasil e Japão, concomitantemente com outros doze passageiros independentes. A vinda dos imigrantes orientais para o território brasileiro atendeu aos interesses dos dois países: o Brasil carecia de mão de obra para trabalhar nas lavouras de café, e o Japão precisava diminuir seu alto índice demográfico, que já causava tensão social no país.

Assim, ainda no período pré-independência, a fixação de estrangeiros no Brasil cumpria um objetivo básico: o de criar núcleos coloniais com vistas à ocupação de terras, consolidar o território e dinamizar a economia com o desenvolvimento de novas culturas agrícolas. Esse objetivo esteve presente na política imigratória brasileira durante o século XIX até a primeira metade do século XX. Um segundo objetivo da política imigratória surgiu durante o século XIX e tem relação com a substituição da mão de obra escrava. (PAIVA, 2014, p.33)

Com garantia de emprego, chegar à capital paulista, embora diante das inúmeras diferenças culturais, não representava uma situação extremamente desfavorável. Mas, segundo Vainer:

A população nacional não recebia o imigrante japonês tão facilmente como se poderia imaginar, pois este, se atendia às necessidades do país enquanto mão-de-obra habituada à agricultura, por outro lado, não era bem visto devido aos seus diferentes costumes e traços físicos. Assim, o imigrante japonês foi visto simultaneamente,

como o melhor trabalhador que se podia importar, mas ao mesmo tempo o mais inassimilável de todos os estrangeiros. (VAINER, 1995. apud OCADA, 2002, p.2)

Apesar da xenofobia enraizada entre alguns brasileiros, em menos de dez anos do início das imigrações, a quantidade de trabalhadores japoneses no Estado de São Paulo já excedia dez mil pessoas. A concentração dos orientais em torno do bairro Liberdade, por sua vez, começou algumas décadas mais tarde, por volta de 1940. Inicialmente, a aglomeração se deu em torno da rua Galvão Bueno e, em 1974, a decoração que é vista atualmente começou a tomar forma.

A ideia de transformar a Liberdade em bairro oriental foi do jornalista Randolpho Marques Lobato. Em 1969, ao lado de uma comissão de japoneses, chineses e coreanos do bairro, Lobato propôs um plano urbanístico para criar uma espécie de Chinatown, similar aos bairros turísticos orientais das cidades de Nova York, Seattle e São Francisco, nos Estados Unidos. (BORGES, 2015, ed. 429)

No ano em que a comunidade japonesa e seus descendentes comemoraram o cinquentenário da imigração, a colônia no Brasil já era composta por mais de 400 mil pessoas. De acordo com a demanda e, também, a fim de preservar a cultura e a história nipônica, em 1964 foi inaugurado o prédio da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyo) no bairro Liberdade. Nele, atualmente, encontram-se o Museu da Imigração Japonesa no Brasil, com exposições que ocupam três de seus nove andares, e o Museu de Arte Nipo-Brasileiro.

Às vésperas da comemoração do 110º aniversário da imigração nipônica no Brasil, em 2017, devido ao status do bairro como reduto da maior colônia nipônica fora do Japão, a estação Liberdade, pertencente à linha azul do metrô de São Paulo, passou a chamar-se Japão-Liberdade. O reconhecimento público sobre a importância da colônia japonesa para a constituição do bairro não foi um ato isolado mas, sim, uma consequência da aceitação e da consolidação da cultura nikkei⁴ no território brasileiro.

O apoio da imigração e a celebração de tal fato, pelo Brasil, não é um evento novo. Constata-se, ao longo da história, diversos episódios que demonstram a amizade entre ambos os países. Mudanças significativas, no entanto, com relação à aceitação por parte da população foram acontecendo gradualmente. Para serem estimados, segundo Demartini (1999

⁴ Nikkei: termo utilizado para fazer referência aos descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou aos japoneses que vivem regularmente no exterior.

apud OCADA, 2002, p.1), as famílias de imigrantes japoneses recorreram aos seus próprios valores culturais.

Atualmente, em meio às ruas lotadas, a mescla de nacionalidades é corriqueira e a sensação de pertencimento por parte dos orientais é um fato que não se pode negar. Diversas famílias desfrutam do pedacinho do Japão no Brasil, sem qualquer temor sobre o seu direito de ir e vir. Isso é o que a fotorreportagem procura demonstrar ao retratar os japoneses na Liberdade, pois, devido ao contexto histórico de sua imigração, os nikkeis podem, com orgulho, dizer que gozam do Brasil de todas as maneiras. Do trabalho ao lazer.

2.4 Haitianos no bairro Brás

Em janeiro de 2010 um terremoto de magnitude 7.0 na escala Richter atingiu o Haiti, sobretudo a capital, Porto Príncipe. O país está localizado na América Central e, na época, era considerado o mais pobre economicamente da América, de acordo com o seu 0,47 de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). O desastre natural que atingiu o território haitiano deixou mais de 200 mil mortos, 250 mil feridos e desabrigou outros 1,5 milhão de habitantes. Diante dessa catástrofe, a imigração para o Brasil -e para outros países da América Latina- foi a solução encontrada por inúmeros haitianos que buscavam melhores condições de vida.

Importa lembrar, contudo, que para a maioria o lugar de nascimento não coincide com o de partida para o Brasil, isso porque a migração interna e a internacional, para países vizinhos, como é o caso da República Dominicana, de Cuba e de outros países caribenhos, é um fenômeno histórico que faz parte das estratégias de reprodução socioeconômica dos haitianos. (PERUSEK, 1984; AUDEBERT, 2012. apud SILVA, 2016, p.140)

A colônia haitiana, quando chega à capital paulista, é facilmente identificada pela cor da pele, que tem fortes ligações com as origens africanas e, também, pelas diferenças linguísticas existentes entre os paulistanos e eles, que mesclam o crioulo e o português. Por essa agilidade em serem reconhecidos como estrangeiros, os não nativos são alvos de olhares e comentários xenofóbicos e racistas que, embora corriqueiros, constituem crimes. Conforme ressalta Silva (2016, p.144), ser negro, estrangeiro e pobre são atributos que podem dificultar ainda mais as trajetórias desses imigrantes na cidade. Embora sejam recebidos de maneira hostil por parte dos brasileiros, outros tantos são responsáveis por uma boa fama atribuída ao

Brasil, contribuindo para o aumento da visibilidade do país como um abrigo seguro aos estrangeiros.

O Brasil se torna cada dia mais atrativo para os haitianos, pois a liderança na MINUSTAH⁵, a presença de diversas Organizações Não Governamentais – ONGs brasileiras atuando de modo expressivo na ilha, tais como a Viva Rio, a ActionAid, a K9 Creixell, a Pastoral da Criança, a Diaconia, o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids – GAPA, entre outras, os símbolos, a cultura, as referências e o crescimento econômico do Brasil fizeram com que o país seja visto simpaticamente pela população do Haiti. (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p.101)

Apesar desses imigrantes chegarem com um visto humanitário, a moradia e o emprego ainda são rodeados de incertezas. Então, para garantir o próprio sustento e, ainda, assegurar o envio de recursos para os familiares que não puderam vir, boa parte dos haitianos explora o comércio informal de alimentos, bebidas, brinquedos, calçados, vestimentas e outros objetos, principalmente na região central da capital, em particular no bairro Brás - conhecido por seu efervescente potencial econômico ligado ao setor varejista.

Apesar da situação de vulnerabilidade social, o desejo de muitos haitianos de promover a reunificação familiar não foi prejudicado. Em 2014, eles começaram a liderar um novo fluxo imigratório, diferente do ocorrido em 2010, no início da instalação dos primeiros haitianos no Brasil. Num primeiro momento, o perfil do haitiano que chegava ao território brasileiro era quase que exclusivamente masculino, fenômeno comum a outros fluxos migracionais.

Eles são, em geral, jovens, dentro de uma faixa etária que vai dos 20 aos 45 anos de idade, na sua maioria do sexo masculino, solteiros e com uma escolaridade média. Parte deles apresenta uma formação de nível técnico e uma minoria tem curso universitário completo (SILVA, 2012, p.128)

Em 2015, dados da Polícia Federal revelaram que cerca de 72 mil deles entraram no território brasileiro. Segundo o “Diagnóstico Regional sobre Migração Haitiana” (2017), estudo desenvolvido pelo Instituto de Políticas Públicas em Direitos Humanos (IPPDH) e pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), a população haitiana no Brasil alcançou notórios 5,5% da quantidade total de estrangeiros no Brasil, resultando, assim, no 5º lugar, atrás de Portugal, Bolívia, Japão e Itália, o que a converte na segunda nacionalidade da região e, o Brasil, como o primeiro destino na América do Sul para os haitianos. Desde então, a existência e a resistência nas ruas segue mostrando que os haitianos vieram para ficar.

⁵MINUSTAH foi uma missão de paz criada pelo Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, em setembro de 2004, a fim de restaurar a ordem, bem como estabilizar o Haiti.

Embora haja aceitação desses imigrantes por uma parte da população local, outra fração, segundo Silva (2016, p.143), acaba reproduzindo a visão de que os estrangeiros vieram para ocupar as vagas no mercado de trabalho que deveriam ser reservadas aos brasileiros. O discurso, totalmente equivocado, está alinhado aos atos de xenofobia, definida como a desconfiança, temor ou antipatia por pessoas estranhas ao meio daquele que as ajuíza, ou pelo que é incomum ou vem de fora do país.

Em meio às ruas lotadas do Brás, a repressão por parte da polícia e o preconceito proveniente da população ainda é uma realidade. Tais atitudes impedem que sentimentos relacionados ao pertencimento cresçam entre os membros da colônia haitiana que, como alternativa, buscam constituir ciclos sociais com membros da própria etnia. Como consequência da falta de aceitação, na fotorreportagem *Imigrações Antagônicas*, a relação dos imigrantes com o bairro Brás, bem como dos haitianos com os brasileiros, é retratada quase que exclusivamente segundo vínculos laborais.

2.5 Técnicas jornalísticas empregadas

A fotorreportagem *Imigrações Antagônicas* documenta situações reais e acompanha as suas evoluções ao longo do dia, em diferentes dias da semana. Esse projeto fotográfico, respaldado em um pensar a fotografia antes de fazê-la, em oposição à demanda do *hard news*, contou com um roteiro preliminar para direcionamento do olhar ao capturar as histórias retratadas. Assim, com o detalhamento de cenas e planos a serem buscados durante a cobertura, a procura pelo ângulo correto e a aceitação do inesperado tiveram início nas ruas dos bairros Liberdade e Brás, a fim de alinhar os objetivos gerais, a linha de pesquisa e a fotorreportagem em si. Para delimitar os gêneros fotojornalísticos, levei em conta as considerações de Souza:

A generalidade dos manuais e livros sobre fotojornalismo (por exemplo: Lester, 1991; Kobre, 1991; AP, 1990) classifica os gêneros fotojornalísticos em notícias (englobando os subgêneros das spot news e das notícias em geral), features, retrato, ilustrações fotográficas, paisagem e histórias em fotografias ou picture stories (que engloba os subgêneros das fotorreportagens e dos foto-ensaios, podendo misturar fotografias de várias das categorias anteriores). (SOUZA, 2002, p.109)

Selecionei, então, os seguintes gêneros e subgêneros almejados: notícia (subgênero *spot news*), retrato ambiental e retrato instantâneo, cuja mescla é permitida pelo subgênero da fotorreportagem. A escolha de cada categoria justifica-se pelas diferentes mensagens que a fotografia pretende transmitir ao seu leitor. Assim, para a captura de momentos inesperados em que foi necessário utilizar a agilidade durante o registro fotográfico, bem como foi preciso contar com a sorte de estar no local e na hora exata, explorei o *spot news*. Nos momentos em que o objetivo principal era realçar traços da personalidade individual ou coletiva, optei pelo retrato ambiental, mesclado ao retrato não ambiental, que também foi explorado. Ainda dentro do pré-roteiro sobre os planos e cenas idealizados para captura, entraram os retratos instantâneos, sem poses premeditadas, que valorizam a espontaneidade das personagens.

Os momentos que antecederam a produção, bem como a execução da fotorreportagem em si, podem ser considerados uma pesquisa exploratória. Segundo Gil:

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite as considerações dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2002, p.41)

Em relação às delimitações acerca dos procedimentos metodológicos, a abordagem da pesquisa pode ser compreendida como qualitativa, ou seja, que não se prende aos dados estatísticos. Para Minayo, esse modelo de abordagem:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2004, p.21)

Durante a execução da fotorreportagem, busquei imergir ao máximo no contexto vivido por cada grupo étnico, com o objetivo de capturar momentos que revelassem a essência presente em cada situação do cotidiano. Assim, ao elaborar a parte do roteiro preliminar norteadora sobre os detalhes almejados nas fotografias, fiz uma lista dos quais considerava mais significativos e que fossem símbolos da situação econômica e dos traços socioculturais das personagens, como: acessórios de cabeça, traços faciais, calçado nos pés, a relação com o trabalho, o gozo dos momentos de lazer e a presença de outros membros da

mesma colônia nos bairros retratados. Por fim, o projeto pode ser considerado, também, um estudo de caso que, segundo Fachin:

Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento. Caracterizado por ser um estudo intensivo. É levada em consideração, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado. Todos os aspectos do caso são investigados. Quando o estudo é intensivo podem até aparecer relações que de outra forma não seriam descobertas. (FACHIN, 2001, p. 42)

As fotografias selecionadas para compor a fotorreportagem registram a situação socioeconômica das colônias japonesa, na Liberdade, e haitiana, no Brás, por meio da captura de detalhes físicos, modos de agir e interagir, bem como ambas as relações com seus objetos de trabalho. Para transmitir um olhar original e sensível ao leitor sobre os casos estudados, a reunião das fotografias capturadas seguiram um raciocínio estético instigante, em contraste com a reunião das mesmas no pós produção, que estavam organizadas segundo o fator cronológico.

3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

3.1 Atividades desenvolvidas

3.1.1 Concepção e delimitação da fotorreportagem

As definições da fotorreportagem começaram a ser delimitadas a partir de junho de 2019, época em que me mudei de Marília, interior de São Paulo, para a capital paulista. Constatei, ao frequentar diversos bairros paulistanos, como alguns imigrantes são valorizados e sentem-se parte do local em que trabalham e vivem, com destaque para aqueles que fizeram parte da formação histórica do bairro e, concomitantemente, como outros grupos étnicos recém chegados ao Brasil são tratados com hostilidade, xenofobia e falta de empatia. Nasceu, então, a curiosidade por entender mais a fundo tais movimentos migratórios e, ao mesmo tempo, dar visibilidade ao tema, explorando a sua sensibilidade por meio do registro fotográfico. A partir desse desejo, fiz um mapeamento e seleção de cinco bairros compostos por uma alta porcentagem de imigrantes. Cheguei, então, aos seguintes locais e suas respectivas colônias:

Brás - imigrante haitiano.

Mooca - imigrante italiano.

Liberdade - imigrante japonês.

Bom Retiro - imigrante coreano.

São Mateus - imigrante venezuelano.

Dei início às pesquisas teóricas sobre cada colônia na ordem descrita acima, por simples questão de maior afinidade com os bairros, já velhos conhecidos de minha adolescência. A medida que aprofundava o embasamento teórico acerca das colônias citadas, tomei a decisão de ir com meu *smartphone* para as ruas e registrar de perto o que cada bairro e grupo de imigrantes poderia proporcionar ao projeto. Após alguns finais de semana capturando o cotidiano dos locais delimitados, notei que o desejo de abraçar tantas realidades distintas resultaria em um trabalho final com pouca profundidade. Então, a seleção dos locais que iriam proporcionar os melhores *clicks* para fotorreportagem foi definida, de acordo com Duarte (2017, p.62), de forma intencional. Ou seja, os ambientes possíveis foram submetidos a um gosto intrapessoal e a um juízo particular. Resultando, por fim, na abordagem de dois grupos específicos: os japoneses e os haitianos.

3.1.2 Fazer fotográfico

Durante o exercício do fotojornalismo, principalmente no bairro Brás, me deparei com alguns empecilhos para a total imersão no contexto retratado, como a censura por parte dos policiais locais, que repreendiam o comércio informal no bairro, e a desconfiança das próprias personagens inseridas naquela realidade. No entanto, conforme explicava o projeto e exibia previamente as fotografias capturadas, conseguia a aprovação de parte dos haitianos para dar prosseguimento à fotorreportagem. Houve, por outro lado, a necessidade de excluir alguns registros que “estavam expondo demais aquela situação em que viviam”, como argumentaram alguns membros da colônia haitiana. Quanto aos policiais, o alerta foi em tom de censura ao me explicarem que "apenas jornalistas poderiam fotografar o ocorrido". Entretanto, para driblar a situação e não perder a oportunidade de registrar os fatos, num impulso, tomei a liberdade de adiantar a minha formação como Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e, me declarei jornalista independente.

As etapas que se seguiram após a captura das fotografias foram: tratamento das imagens com o programa Adobe Photoshop CC 2017, organização estética da narrativa,

definição do design desejado para o website e, por fim, a veiculação da fotorreportagem na plataforma digital.

Durante o tratamento das imagens, optei por realçar os tons já predominantes nas fotos, a fim de valorizar as personagens retratadas. Não foram realizados, no entanto, ajustes relativos aos ângulos em que as imagens foram captadas, salvo pequenos recortes das cenas capturadas. No que tange ao estilo fotográfico, minha principal inspiração com relação aos ângulos e planejamento de cenas foram as fotografias de Sebastião Salgado, autor, dentre outras obras que me fascinam, de Êxodos (2000) e Outras Américas (1992). No que faz referência à observação das melhores tonalidades durante o próprio ato de fotografar, as obras de Fred Herzog, reunidas em Fred Herzog: Modern Color (2017), foram as que exerceram maior impacto sobre a execução do meu projeto.

3.2 Cronograma de execução

3.2.1 Divisão mensal das tarefas

| | JUL | AGO | SET | OUT | NOV |
|-------------------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Concepção de gênero e formato | <i>X</i> | | | | |
| Delimitação do tema | <i>X</i> | <i>X</i> | <i>X</i> | | |
| Embasamento teórico | | <i>X</i> | <i>X</i> | <i>X</i> | |
| Redação do relatório | | <i>X</i> | <i>X</i> | <i>X</i> | |
| Produção fotográfica | | <i>X</i> | <i>X</i> | <i>X</i> | |
| Edição e tratamento das fotografias | | | <i>X</i> | <i>X</i> | <i>X</i> |
| Criação do website | | | | <i>X</i> | |
| Revisão do relatório | | | | | <i>X</i> |
| Revisão da fotorreportagem | | | | | <i>X</i> |
| Revisão do website | | | | | <i>X</i> |
| Apresentação e defesa do TCC | | | | | <i>X</i> |

3.2.2 Dias exclusivos para a produção fotográfica

| Data | Períodos | Bairro | Região Fotografada |
|-------------|-------------------------|---------------|---------------------------|
| 31/08 | Manhã e início da tarde | Brás | Largo da Concórdia |
| 07/09 | Tarde e início da noite | Liberdade | Praça da Liberdade |
| 14/09 | Manhã e tarde | Brás | Rua Maria Marcolina |
| 06/10 | Manhã e início da tarde | Liberdade | Rua Galvão Bueno |
| 14/10 | Manhã e final da tarde | Brás | Avenida Celso Garcia |
| 20/10 | Manhã e final da tarde | Liberdade | Rua dos Estudantes |

3.3 Técnicas utilizadas

3.3.1 Imagem

Os planos utilizados ao longo da produção da fotorreportagem *Imigrações Antagônicas*, foram, basicamente, o geral, o americano e o grande. O plano geral é o mais aberto e, por isso, trouxe a contextualização do local em que estavam inseridos os imigrantes japoneses e haitianos. O plano americano destaca-se por possuir um enfoque maior na própria personagem e, assim, foi explorado nas cenas que captavam momentos corriqueiros ou de expressão extremamente espontânea das personagens. O grande plano, por sua vez, é o enquadramento responsável por enfatizar as particularidades dos imigrantes retratados, como os adereços utilizados na cabeça, os calçados dos pés e as linhas de expressão em suas faces.

No âmbito macro, foram explorados tanto os alinhamentos centralizados, como à esquerda e à direita, a fim de conferir maior dinamismo ao tema abordado. Como fotógrafa, a escolha consciente dos enquadramentos e reenquadramentos utilizados justifica-se pois, segundo Souza:

O enquadramento corresponde ao espaço da realidade visível representado na fotografia. Como é óbvio, é o fotógrafo que dita o enquadramento. Se a uma fotografia amputarmos parte do seu espaço visual, falamos em reenquadramento. Reenquadrar uma fotografia é um gesto frequente em fotojornalismo, pois assim pode concentrar-se a atenção do observador no motivo e retirar da imagem elementos que desviem o olhar do que é importante. (SOUZA, 2002, p. 78)

Durante o processo de fotografar, optei por mesclar a captura das personagens que estavam praticamente em inércia com aquelas que estavam em constante movimento e demandaram que eu apressasse os meus passos para conquistar o melhor *click*.

Quanto às técnicas de iluminação, explorei os jogos de luzes e sombras proporcionados pelo sol. Para isso, foi necessário realizar um prévio planejamento a fim de captar as luzes necessárias à composição imagética da fotorreportagem. Então, a luz dourada do entardecer foi explorada para destacar a pele das personagens. Já a luz do meio-dia, que deixa a fotografia estourada em brilho, foi utilizada com certo equilíbrio mas, foi extremamente necessária para capturar cenas que representassem o cansaço e a exaustão atrelados à rotina laboral. A luz matinal, por sua vez, foi uma consequência da intenção de capturar o início da rotina dos imigrantes retratados.

3.3.2 Edição

Para o tratamento das imagens, utilizei exclusivamente as ferramentas disponíveis no programa Adobe Photoshop CC 2017, que considero de fácil exploração e cuja qualidade final é extremamente satisfatória. A primeira vez que tive contato com suas ferramentas de edição antecedeu ao início da graduação, em 2014, por meio do técnico que cursei na área de Comunicação Visual. À ocasião, o foco principal era a manipulação da imagem, técnica que não pôde ser explorada nesse projeto de fotorreportagem, inclusive, devido ao seu compromisso com a verdade e com a imparcialidade. Assim, as principais ferramentas utilizadas foram os ajustes de cor, brilho, contraste, saturação, curva, nível e, em algumas fotografias, desfoques parciais das cenas.

3.3.3 Website

O website para veicular a fotorreportagem foi construído por meio da plataforma digital gratuita <http://readymag.com>. Com ela, pude criar as páginas que sustentam o projeto *Imigrações Antagônicas*. A primeira página é reservada para a minha apresentação pessoal, seguida da apresentação do projeto. A partir da terceira página do website, segue-se uma trilogia de páginas com as fotografias que retratam os imigrantes japoneses no bairro Liberdade. Da sexta à nona página, o foco da reportagem é convertido para os imigrantes haitianos no bairro Brás.

O uso da plataforma digital em questão foi sugestão do meu orientador, Denis Porto Renó, devido ao seu dinamismo e multiplicidade de ferramentas disponíveis para a elaboração de websites criativos. A composição estética do meu produto final é pautada em conceitos minimalistas, que permitem a cada detalhe da página sua devida atenção secundária, em prol da fotorreportagem, que é o destaque.

3.4 Descrição do produto final

Imigrações Antagônicas é uma fotorreportagem veiculada em uma plataforma digital.

4 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

A fotorreportagem *Imigrações Antagônicas* é um produto jornalístico utilizado como projeto experimental para ser avaliado como trabalho de conclusão de curso. Com a produção do produto em questão, pude praticar as técnicas de fotojornalismo e edição de imagens ministradas nas disciplinas de Fotojornalismo I e Fotojornalismo II. Além disso, pude exercitar os conceitos de metodologia, design de páginas e enquadramentos, ministrados respectivamente nas disciplinas de Teorias e Métodos da Pesquisa em Comunicação, Planejamento Gráfico-Editorial em Jornalismo e Roteiros para Comunicação Audiovisual, que compõem, dentre outras, a grade curricular do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UNESP. De maneira geral, a fotorreportagem pretende dar visibilidade aos imigrantes japoneses e haitianos que vivem na capital paulista, retratando com um olhar sensível, estético e crítico ambos os cotidianos, e instigando, naturalmente, o leitor a comparar e analisar ambas as realidades.

4.1 Público-alvo

A fotorreportagem *Imigrações Antagônicas* não tem um público-alvo limitado mas, de acordo com a realidade em que está inserida, sua abrangência macro pode ser definida como os habitantes das cidades brasileiras que recebem ou receberam uma grande leva de imigrantes. Já no âmbito micro, os moradores dos bairros paulistanos que possuem algum contato, ainda que indireto, com japoneses e haitianos, ou seus descendentes.

4.2 Custos da produção

Para a realização da fotorreportagem *Imigrações Antagônicas*, priorizei a praticidade e a viabilidade da execução do projeto e, por isso, utilizei meu próprio *smartphone*. Precisei adquirir apenas dois acessórios: um cartão de memória e um carregador portátil. Além disso, contei com o transporte público urbano para ter acesso aos locais delimitados para a captação das imagens. Confira, a seguir, a tabela com uma estimativa sobre os custos da produção do produto:

| Objeto | Custo |
|---------------------|-------------------|
| Cartão de memória | R\$ 35,00 |
| Carregador portátil | R\$ 80,00 |
| Transporte | R\$ 115,00 |
| Alimentação | R\$ 90,00 |
| Custo Total | R\$ 320,00 |

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a gestação do projeto, me senti agraciada em diversos sentidos que, basicamente, podem ser agrupados como momentos que me agregaram algo profissionalmente e os aprendizados sobre a sociedade e o outro. Constatei, no decorrer da produção da fotorreportagem, que a fotografia sustenta de forma impactante um olhar sensível, estético e, ao mesmo tempo, crítico sobre o tema abordado. Por isso, as fotos que compõem *Imigrações Antagônicas* são fragmentos de uma realidade cultural e socioeconômica surpreendente. Acompanhar de perto realidades e particularidades tão distintas, concomitantemente ao registro do cotidiano das personagens, foi um processo extremamente enriquecedor. Observar o modo como os haitianos se cumprimentam com o beijar de mãos e toques na testa, seus chapéus dos mais variados estilos e o modo de entoação de suas vozes foram algumas das cenas mais marcantes vistas no Brás. Do lado oriental, observar a simpatia, a cordialidade e a valorização das tradições constituíram os comportamentos que mais me fizeram refletir sobre a cultura nipônica.

Por fim, posso dizer que constatei na prática, em um projeto inusitado, como o fotojornalismo tem o poder de iluminar certos temas, dando-lhes uma visibilidade da qual são carentes. No entanto, infelizmente, as mais corriqueiras práticas jornalísticas da grande mídia estão atreladas a uma agenda de *hard news* que raramente abre espaço para temáticas que fujam dos temas: trânsito, corrupção, tragédias, clima, doenças e outros assuntos que destoam do olhar humanitário e de questões sociais. Minha esperança é que a fotorreportagem *Imigrações Antagônicas* seja apenas o primeiro passo para o meu futuro como parte de um jornalismo humanitário que supra essas e outras carências do jornalismo tradicional.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGENTIERI, Constanza; MANDRILE, Matteo. (Coord). **Diagnóstico Regional sobre Migración Haitiana**. Buenos Aires: Irap, 2017.

BORGES, José Paulo. **A Chinatown Brasileira**. *Revista Sesc São Paulo*, ed. 429, mai. 2015.

DEMARTINI, Z. Vivências diferenciadas entre três gerações de japoneses em São Paulo. In: OCADA, Fábio Kazuo. **A Cultura e o Habitus Japonês: ingredientes da experiência**. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL, 2002.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOSHMANN, Claudia (autora/organizadora); HERZOG, Fred (fotógrafo). **Photographs**. Berlim: Hatje Cantz, 2011.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital**. São Paulo: Líbero, 2009

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Isaías A. de; ANDRADE, Carlos A. A. de; MATTOS, Beatriz R. B. **A imigração haitiana para o Brasil: Causas e Efeitos**. *Revista Conjuntura Austral*, vol. 4, nº 20, out/nov 2013.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual: contribuições para uma metodologia didática**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PAIVA, Odair da Cruz. **Ensino & memória: Histórias da (i)migração**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014

SALGADO, Sebastião. **Êxodos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHORT, Maria. **Contexto e narrativa em fotografia**. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

SILVA, Sidney A. Aqui começa o Brasil: haitianos na Triplíce Fronteira e Manaus. In: SILVA, S. A. (Org.) **Migrações na Pan-Amazônia - fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec/Fapeam, 2012.

SILVA, Sidney A. **Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural**. *Estudos Avançados*, 30(88), 2016.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo. Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Porto. 2002.

VAINER, C. Estado e Migração no Brasil: da Imigração à Emigração. In PATARRA, N. (org.). **Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo: Programa internacional de avaliação e acompanhamento das migrações internacionais no Brasil.** Vol I. São Paulo: Unicamp, 1995.